

Explorando o processo de aprendizagem da leitura e escrita: Estratégia de ensino

Marli da Silva
Carla Waleska Gomes de Araújo
Lucília Maria da Silva Soares Barbosa



10.29327/223013.13.1-1

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise e reflexão através de revisões bibliográficas sobre os processos de ensino da leitura e escrita, onde analisa-se o processos de ensino aprendizagem da leitura e escrita tendo em vista o desenvolvimento da leitura e escrita, para a construção do sentido e os benefícios que a fomentação dessas práticas trazem para o desenvolvimento cognitivo dos educandos. É preciso compreender o trabalho coletivo e histórico, resultado de experiência, tendo essa natureza social e cultural. No contexto escolar a leitura e a escrita tem uma importância fundamental, se faz necessário destacar o quanto leitura e escrita estão presentes em todos os conteúdos. É importante o uso de uma prática pedagógica eficiente, onde o professor deve proporcionar meios que leve o educando a raciocinar, criar situação que propiciem o desenvolvimento das capacidades de falar, escutar, ler e escrever de acordo com os diferentes usos dos contextos. Portanto o professor precisa ter uma concepção clara de linguagem coerente com um processo de alfabetização mais ampla. Dessa forma o trabalho do professor é permitir que o aluno organize e sistematize observações que parte do seu dia-a-dia, levando-o gradativamente ao longo de sua escolarização a formação do conhecimento.

Descritores: Professor. Prática. Linguagem. Desenvolvimento.

1 INTRODUÇÃO

A prática de todo professor, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis do professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e do conteúdo a serem trabalhados na busca de coerência entre o que se pensa estar passando e o que realmente se faz, tais práticas se constitui a partir das concepções educativas profissionais do professor, ai incluindo as suas próprias experiências escolares e de vida.

A “pedagogia tradicional” é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria. A metodologia decorrente de tal concepção baseia-se independentemente do contexto escolar, enfatiza-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos. A função primordial da escola, nesse modelo é transmitir conhecimentos disciplinares para a formação geral do aluno, formação esta que o lavará ao inserir-se futuramente na sociedade, a escola visa à preparação para a vida, não buscam estabelecer relações entre “os conteúdos que se ensinam e os interesses dos alunos” cabe o professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais.

Segundo Cafiero:

" Ler é atribuir sentidos. E, ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida. Conceber a leitura desse modo muda radicalmente a forma de pensar e de organizar o seu ensino. Se os sentidos não estão prontos no texto, é preciso contribuir para que os alunos criem boas estratégias para estabelecer relações necessárias à compreensão (2010. p. 86)"

O professor para superar a alfabetização que se restringe ao domínio mecânico do gráfico precisa ter clara uma concepção de linguagem coerente com um processo de alfabetização mais ampla. Desta forma, para superar exercícios mecânicos, é preciso um trabalho com a linguagem em situação de uso efetivo, para isso, é preciso compreender a concepção sóciointeracionista, na qual a linguagem é um trabalho coletivo e histórico, resultado de uma experiência, tendo nessa natureza social e cultural, a linguagem tem suas situações históricas. Nessa perspectiva, a linguagem não serve apenas para transmissão de informações, mas é capaz de revelar e organizar a consciência e o pensamento, representando o real e permitindo operações mentais complexas, dado o seu caráter simbólico.

Para assegurar o domínio da linguagem e de desenvolvimento, o papel do professor é da maior importância, pois é ele o adulto competente, letrado, responsável pela medição, interação e interlocução que deve proporcionar atividades para que ocorra elaboração individual. Para a conquista do domínio da linguagem, não é suficiente deixar o aluno apenas em contato com o material escrito para que ele se alfabetize por si só, mas é por isso que não basta a criança entender que a escrita é alfabética, e apenas reconhecer grafismo e copiá-las, é preciso que no processo de desenvolvimento, a aprendizagem e as elaborações mentais tenham como origem as relações sociais. Convém lembrar ainda que a linguagem escrita demande um plano mais elevado de abstração, pois passa pela elaboração das representações complexas da correspondência grafema-fonema (letra- som) e exige a criação de um interlocutor a ser imaginado enquanto (ou menos) a linguagem oral é precedida de um motivo, de uma pergunta, de uma provocação ou mesmo de um comentário de um interlocutor. Portanto, o professor precisa criar motivos para a realização de escrita e a criança precisa encontrar para escrever as mesmas razões que encontra para falar. Esta prática não pode se restringir a exercícios repetitivos, nem as listagem e nomenclaturas.

Numa concepção sóciointeracionista deve envolver interação do ponto de partida ao ponto de chegada, desde as produções orais que o aluno faz ao chegar à escola, até a produção de texto escrito mais elaborado. Para um trabalho eficaz nesta perspectiva, o domínio da linguagem deve ser tecidos nas relações humanas numa verdadeira convivência social, em parceria, é sempre um trabalho de conscientização que o professor deve fazer no sentido de que a criança melhore sempre sua produção, tanto no espaço gráfico, quanto o de estruturas de texto, seqüência lógica das narrativas orais e escritas.

O trabalho com o texto é sempre norteador de todo trabalho com a alfabetização e a língua, deste os textos orais que a criança produz e que o professor transcreve para mostrar a direção da escrita e as correspondências da oralidade, até os texto autônomos, nos quais a criança deve fazer presente sua própria voz, seus pontos de vista, suas opiniões, enfim a linguagem na sua dimensão discursiva.

Hoje se considera alfabetizado a pessoa que lê, escreve, interpreta e utiliza o que aprendeu em face a esta concepção de alfabetização, os métodos e técnicas até utilizadas, necessitariam de serias modificações. Não se pode desenvolver um simples método sintético analítico sem ligação nenhuma com o cotidiano de quem vai ser alfabetizado. É necessário que o professor investigue o conhecimento que os alunos já tem antes de ir para a escola, tem de ser o ponto de partida para o planejamento da pratica escolar, com classe da alfabetização, as diferenças de contexto socioeconômico e familiar, fazendo com que os educandos tenham maiores oportunidades de participar de atividades sociais; a conversa diária de pessoas de diversos lugares; a transmissão de m recado; a placa de sinalização; o rotulo de um produto; a lista de um telefone; o letreiro de um ônibus e inúmeras são as leituras que os rodeiam diariamente, esses textos leva o educando a estabelecer comunicação com os outros e com o mundo tornando-os agentes e participativos.

O cidadão de hoje vive em uma sociedade letrada e tecnológica. Esta cria-a todo o momento desafios que exigem uma visão crítica e ampliada sobre os recursos que estão a sua volta. É importante demarcar que o eixo principal em torno de leitura deve ser incorporado na pratica pedagógica e o seu significado como experiência de cultura.

O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. Sendo mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o lingüístico, ou seja, o texto. Nesse contexto é importante que os alunos sejam provocados sempre (mesmo os mais inibidos) para que percebam a importância de opinar e argumentar em função de um ponto de vista, este é um espaço marcado pela interação, pela dialógia.

Assim, a importância das atividades compartilhadas discursivas, na medida em que se destaca o dialogo como forma de confrontar diferentes pontos de vista e medir o processo de manifestação, reflexão e reformulação de idéias. Esta é que o professor ler para enfatizar o sentido e a função do texto através da expressão oral e a partir do memento em que o aluno for se familiarizando com a leitura, poderá ler juntamente com o professor, com os colegas ou sozinho.

2 ENSINOS DA ESCRITA

A preocupação da escola deve ser a de garantir que os alunos busquem significado, mas que essa busca esteja sempre entrelaçada ao desejo de ler, a influencia da leitura como ferramenta pedagógica complementar e significativa para a construção do conhecimento, sendo a leitura e escrita

caracterizada como um processo de construção feito de expectativas onde o leitor, baseado em sua experiência de mundo e em seu conjunto de informação, interage com as informações presentes para poder reconstruir o sentido que esta querendo lhe dizer.

A ação e a reflexão dos alunos na busca de um caminho que solucione os desafios da leitura que lhe serão apresentados permitirão que eles, aos poucos, experimentem diferentes maneiras de escrever. Este momento deve merecer uma atenção especial do professor, pois os “erros” cometidos serão pista que o ajudaram a intervir no processo e que mostrarão os caminhos percorridos pelo aluno na tentativa de ler e escrever. Conforme Rocha (2008, p. 78), a escola deve ser concebida:

[...] como o espaço em que os sujeitos podem, por meio da leitura, dialogar, questionar, discutir, duvidar e compartilhar saberes. Para isso, entendemos a escola como espaço em que convivem diferenças, contradições, erro, cooperação mútua. Nesse espaço, professores e alunos devem possuir autonomia para pensar, para refletir o seu processo de construção do conhecimento, para terem acesso a novas informações, para que o processo ensino-aprendizagem seja concebido como um processo global de relação interpessoal que envolva ao mesmo tempo aquele que aprende, aquele que ensina e a relação ensino-aprendizagem.

As condutas dos alunos considerados como erros têm presente margem na prática escolar, tanto no passado como no presente, formas de castigo por parte do professor indo desde as mais visíveis até as mais sutis. À medida que se avançou o tempo, os castigos escolares foram perdendo o seu caráter de agressão física, tornando-se mais tênues, mas não desprovido de violência.

Esse modo de conduzir a disciplina manifestar-se com um viés mais grave ainda, por que o professor normalmente não está interessado em descobrir quem sabe o que foi ensinado, mas sim quem não aprendeu para poder expor publicamente aos colegas a sua fragilidade. Usualmente, prossegue com modalidade diversa de castigo, é a ameaça do castigo, o aluno sofre por antecipação e não consegue desenvolver o raciocínio, bloqueando a vontade praticar a leitura e escrita, pois fica nas expectativas de castigo que poderá ver numa permanente atitude de defesa, isso conduz à percepção de que o entendimento e a prática do castigo decorrem de uma visão culpada dos atos humanos. Nessa perspectiva, a observação e a compreensão do uso do erro na prática escolar revelam que a questão é bem mais ampla do que somente o fato de proceder a um pequeno castigo de um aluno individualmente.

É preciso, antes de tudo, observar, para depois julgar. Entretanto a prática tem sido inverso primeiro colocamos a barreira do julgamento, e só depois tentamos observar os fatos. Nesse caso, a observação fica “barrada” pelo julgamento, certamente não é fácil observar primeiro para depois julgar, mas é preciso aprender esta conduta, se queremos usar o erro como fonte de virtude, ou seja, de crescimento.

Dessa forma os trabalhos dos professores é permitir que o aluno organize e sistematize observações que parte de seu dia-a-dia, levando-o gradativamente ao longo de sua escolarização à formação do conhecimento. Para que tal processo seja efetivo e transformador, fazer-se necessário

deixar que a criança fale sobre suas idéias, conte suas experiências, estabeleça relações, faça comparações e vá aos poucos adquirindo umas atitudes investigativas. Dessa forma o professor deixa de ser o “dono do saber” e passa ser o mediador que a partir do desenvolvimento de seu aluno provoca avanços em seu conhecimento em direção a uma maior compreensão de mundo.

O livro didático é um dos recursos que dispõe para planejar suas aulas, mas deve ser acrescido de pesquisa, como visitas e locais simples como supermercado, padarias, fabricas e ainda estudo do meio através de pequenas excursões a jardins, lagos, sítios ou fazendas. Para que esses recursos sejam eficientes, é necessária uma preparação previa dos alunos. No entanto, cabe ao profissional dar condição, no sentido de garantir a sistematização dos conhecimentos no ensino para proporcionar ao aluno um dialogo permanente que lhe permita desenvolver o conhecimento obtido através do ser comum e adquirir uma atitude investigativa que resista a aceitação de crenças, mitos, preconceitos, permitindo-lhe vivenciar experiência e interpretar e transformar seu mundo. Para proceder dessa maneira, os alunos necessitam da ajuda do professor para ler, escrever, discutir, pesquisar e organizar as informações que obtêm. O educador tem um papel fundamental para promover a aprendizagem através de situações nas quais os alunos tenham a oportunidade de efetivamente atuar como estudante. Além disso, o professor serve também como modelo para as crianças compartilhando discriminatório de experiências educativas e sociais variadas.

Sabe-se que durante muito tempo o ensino do nosso sistema de escrita foi feito de uma maneira mecânica, repetitiva, na qual os estudantes eram lavados a memorizar segmentos das palavras (letras ou sílabas) ou mesmo palavras inteiras, sem entender a lógica que relacionava as partes pronunciadas (pauta sonora) e a seqüência de letras correspondente. Hoje, entende-se que há um conjunto de conhecimentos e desafios que levem as crianças e os adultos e os adolescentes a compreender que a escrita possui relação com pauta sonora. Essa é uma descoberta quem nem sempre é realizado espontaneamente, razão pela qual se torna imprescindível ajudarmos os estudantes a descobrir os princípios que regem aquela relação enigmática: a relação entre as partes faladas e as partes escritas das palavras. Neste sentido, Cagliari (2009) refere-se á leitura como um ato lingüístico e argumenta sobre a importância do conhecimento do professor alfabetizador sobre a natureza da escrita e da fala

I – O que a escrita representa das palavras faladas isto é, que as letras representam os sons e não os significados ou outras características físicas das coisas as quais aquelas palavras orais se referem.

II – Como a escrita cria essas representações isto é, descobrir que a escrita funciona “traduzindo”, por meio de palavras, segmentos sonoros pequenos, os fonemas, que estão no interior das sílabas.

Para realizar essa tarefa o estudante precisa elaborar em suas mente um princípio de estabilização e igualação das unidades orais e escritas, isto é, as crianças e os adolescentes precisam observar, por exemplo, que a letra (digamos “A”) é algo estável, que sempre aparece em determinadas palavras e não apenas “a letra do nome de uma coisa”, como também precisam compreender que aquelas letras parecem sempre quando as palavras em questão contêm um $|a|$ naquele ponto, quando pronunciamos a palavra lentamente. Silva e Morais (2011) destacam que a necessidade de inserir os alunos em diversas práticas sociais não anula a importância das crianças descobrirem o que a escrita alfabética representa (nota) e como a escrita cria representações (notações).

O fato das letras serem estáveis de aparecerem sempre na mesma posição no interior de uma palavra escrita ajuda a criança ou o adolescente a desenvolver as capacidades de analisar as palavras orais (aquelas a que a notação escrita se refere) em seus segmentos menores. Torna-se, portanto, fundamental para os estudantes conhecer as letras e refletir sobre suas relações com os sons. A partir dos estudos hoje disponíveis podemos promover atividades que ajudem as crianças e adolescentes se familiarizar com as letras, por um lado, e a perceber que a cada letra (ou conjunto de letras, no caso dos dígrafos) corresponde uma unidade sonora (com poucas exceções, como a que acontece em taxi, em que uma letra – X representa dois fonemas). Morais afirma que:

Para dominar a notação alfabética o estudante precisa entender as relações entre o todo escrito e o todo falado, ou seja, entre as palavras faladas e as palavras escritas, e entre as partes do escrito (silabas e letras) e as do falado (silabas e fonemas), que corresponde as menores unidades das palavras, no entanto para entender essas relações a criança e o adolescente precisa vir a tratar as letras como classe de objetos substituídos, isto é, precisam entender que as letras substituem algo, os segmentos sonoros mínimos, que no funcionamento da escrita alfabética, ele ou ela precisa considerar relações termo a termo. (MORAIS, 2005, p. 15).

Ilustrando as relações de ordem, poderíamos dizer, de maneira simplificada, por exemplo, que aos poucos as crianças entendem que CA não pode o mesmo AC, “que a ordem muda as coisas, quando escrevemos”. Ela necessita perceber que a ordem em que registramos no papel, as letras correspondem a ordem que pronunciamos os segmentos sonoros.

Portanto, ao nos remeter as relações de permanência estão evidenciando que o estudante compreendera que “C” é um símbolo que substitui algo (os sons, $|K|$ ou $|S|$), independente do “C” aparecer manuscrito ou com outro formato autorizado para ser “C”. Isso significa que ele entenderá que há uma constância no registro gráfico dos segmentos sonoros denominamos correspondência grafo-tônico. A essa descoberta, é preciso acrescentar algo ao desenvolver suas habilidades de reflexão fonológica, o estudante descobre que o CA de casa é igual o CA de cavalo, porque as palavras orais $|kaza|$ e $|kaval|$, “começam parecido, bem diferentes no mundo real”. Assim fica termo a termo, ou seja, a palavra é segmentada em unidades silábicas e a cada sílaba pronunciada registramos uma seqüência de letras a ela correspondente e perceber que toda sílaba de nossa língua é uma vogal, é uma

aprendizagem importante e parece favorecer a tarefa de tentar encontrar a outra unidade no interior desse segmento, então precisamos ajudar nossos estudantes a observar “o interior das palavras”, analisando a variedade e a quantidade de letras que compõe sua ordem, os casos de letras que se repetem. Nessa perspectiva, outra atividade importante é tomar consciência desses princípios e perceber que uma mesma unidade gráfica (a letra), em diferentes contextos contem relações com um mesmo valor sonoro aproximadamente. Vever (1991), ao focar especificamente os “jogos com palavras”, observa que este tipo de atividades tem uma essência de materialidade lúdica. Como nos diz Brandão (2009, p. 15). Fundamentada em Debyser (1991) e retornado Vever (1991)

[...] (tal materialidade) torna os signos palpáveis: nos damos conta de que as palavras não são feitas apenas de fonemas e grafemas, mas de sons e letras, e que estes sons e estas letras dialogam de uma palavra a outra, em correspondências tão polifônicas que os sentidos acabam, sempre misturando-se e em baralhando-se [...] brincar com as palavras trona-se, então, jogar com as substancia da expressão: sons, letras, sílabas, rimas [...] e com os acidentes de forma e de sentido que esta manipulação encerra. (VEVER, 1991, p. 27).

Mais razões de outra ordem também nos levam a considerar, seriamente, a necessidade de usar tais jogos, de forma intensa, no início da escolarização. É por tal motivo que sugerimos muitas, constantes e variadas atividade com palavras significativas para as crianças e com as quais eles se deparam freqüência. Essas palavras estáveis (ou fixas) ajudam o estudante a ir percebendo as regularidades em nosso sistema de escrita e a utilizar conhecimentos (adquirir - dos quando as leram e escreveram) ao se defrontarem com novas palavras que tenham semelhanças com aquelas que, em sua mente, estão mais estáveis e sobre as quais refletiram mais. Outras estratégias didáticas que podem auxiliar as crianças e os adolescentes a se apropriar do sistema alfabético e da escrita é a forma de brincadeira com a língua. Brandão (2009, p. 13)

O brinquedo educativo data dos tempos do renascimento,mas ganha força com a expansão da Educação Infantil [...]. Entendido como recurso que ensina, desenvolver e educar de forma prazerosa, o brinquedo educativo materializa-se no quebra-cabeça, destinado a ensinar formas ou cores, nos brinquedos de tabuleiro que exigem a compreensão do número e das operações matemáticas, nos brinquedos de encaixe, que trabalham noções de seqüência, de tamanho e de forma, nos múltiplos brinquedos e brincadeiras cuja concepção exigiu um olhar para o desenvolvimento infantil e materialização de função psicopedagógica: móveis destinados à percepção visual sonora ou motora; carrinhos munidos de pinos que se encaixam para desenvolver a coordenação motora, parlendas para a expressão da linguagem, brincadeiras envolvendo músicas, danças, expressão motora, gráficas e simbólica.

“Todos esses jogos envolvem a formação de palavras e com isso podem ajudar no processo de alfabetização”, sendo assim também podem ser poderosos aliados dos professores. Podemos citar, para fins de três tipos de jogos:

I – Os que contemplam atividades de análise fonológicas sem fazer correspondem com a escrita;

II – Os que possibilitam a reflexão sobre os princípios do sistema alfabético, ajudando os estudantes a pensar sobre as correspondências grafônicas (isto é, as relações letra- som).

III – Os que ajudam a sistematizar essas correspondências grafônicas.

Os jogos fonológicos são aqueles em que os estudantes são levados a refletir sobre as semelhanças e as diferenças sonoras entre as palavras. Nesse tipo de atividade, eles começam a perceber que nem sempre o foco de atenção deve ser dirigido aos significados. No caso da apropriação do sistema alfabético é fundamental entender que é preciso atentar para a pauta sonora para encontrar a lógica da escrita, os jogos que oferecem a reflexão sobre os princípios do sistema alfabético que são aqueles onde as crianças são convidadas a manipular unidades sonoras/gráficas (palavras, silabas, palavras), comparar palavras ou parte delas, a usar pista para ler e escrever palavras. Esta fora, os auxiliam a sistematização as correspondência grafônicas são aqueles que ajudam a consolidar e automatizar as correspondências entre letras e sons, pois muitas vezes, temos estudantes que entendem a lógica da escrita, mais ainda não dominam todas as correspondências, trocam letras. Omitem ou esquecem o valor sonoro relacionados a algumas delas. “Desde muito cedo as crianças podem ter acesso a produção artística, fruindo-as conversando criação de poesia de forma que ultrapassa a concepção reduzida de poesias, como aquilo que “rima” e tem silabas contadas e poesias, como aquilo que “rima” e tem silabas contado, e alcançassem a compreensão de que a poesia é, acima de tudo, jogo de palavras e emoção que desperta.

Uma maneira especial de ler e escrever o mundo. Ajudam-nos compreender que o acesso a arte possibilita as crianças de qualquer idade, e aos professores o contato e a intimidade com a arte no espaço escolar e dessa forma, abrir caminhos provocando novas formas de sentir, pensar, compreender, dizer e fazer. Significa promover o encontro dos sujeitos com diferentes formas e expressões e de compreensão da vida. Bakhtin nos diz que o sujeito, ao entrar em contato com uma obra de arte e contemplá-la, vivencia uma relação estética pela busca de compreensão de seu significado. A pessoa que aprecia uma obra seja ela criança ou adulto, entra em diálogo com ela, com seu autor e com texto em que ambos estão referenciados.

Relaciona-se com os signos que a compõe uma compreensão do seu sentido procurando reconstruir e aprender sua totalidade. Para isso o professor deve iniciar lendo poesias para as crianças, envolvendo diversos autores e da busca de compreensão de recursos poéticos, tais com intertextualidade a liberações as crianças produziram suas próprias poesias. Brandão (2009) afirma que os jogos estão presentes em diferentes grupamentos sociais e perpassam diferentes etapas da vida das pessoas. Nos processos de alfabetização, os jogos tornam-se aliados dos alfabetizadores, como

alternativas para evitar estratégias mais repetitivas e enfadonhas, buscando cada vez mais estimular a criatividade e a ludicidade.

Portanto, a aprendizagem é um processo que envolve atividades lúdicas, criativas, dinâmicas, que sejam capazes de despertar o interesse e o gosto pela leitura.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou compreender através de leituras e diversas obras, remetendo as considerações ao principal compromisso da escola: Tornar o aluno competente tanto na compreensão da leitura como na produção de textos escritos. Nessa perspectiva para se conduzir mais eficazmente no ensino do desenvolvimento dessas habilidades. Nessa perspectiva, entende-se que o processo de ensino- aprendizagem da leitura escrita deve ser repensado, traçando estratégia para o uso da leitura em sala.

As práticas de leitura e escrita no cotidiano escolar deve oferecer situações de proximidade nas práticas sociais, nas quais o ler, escrever, contar e desenhar tenha uma função real na vida das crianças. Nosso panorama social esta composto por diferentes modelos familiares. Temos enquanto família a consanguíneas e adotivas. E em meio a esse panorama adotamos os princípios, valores, cresça daqueles que escolhemos, e damos a eles a responsabilidade da educação doméstica.

Portanto a escola pode ser um instrumento de divulgação e propagação dos ideais não só familiares, feministas, mais das diversas formas ao combate de violência trazida com esse preconceito.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Carolina PerrusiAlves, et al (Orgs.). Jogos de Alfabetização. Brasília/Recife: Ministério da Educação/ UFPE-CEEL, 2009.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (coord.). Língua Portuguesa: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19).

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e lingüística. São Paulo, Scipione, 2009.

MORAIS, A G. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), Que implicação isto tem para a alfabetização? (2005, p.15).

ROCHA, T. B. **Práticas de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental:** implicações para a formação do leitor crítico. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Espírito Santo.2008.